

ANTÓNIO SÉRGIO: PENSAMENTO E ACÇÃO

Vol. I

temas portugueses

UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
CENTRO REGIONAL DO PORTO

IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA

temas portugueses

Título: António Sérgio: Pensamento e Acção
Vol. I

Edição: Universidade Católica Portuguesa
Centro Regional do Porto
Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Concepção gráfica: Branca Vilallonga
(Departamento Editorial da INCM)

Tiragem: 800 exemplares

Data de impressão: Agosto de 2004

ISBN: 972-27-1344-2

Depósito legal: 214 141/04

ANTÓNIO SÉRGIO: PENSAMENTO E ACÇÃO

Actas do Colóquio
realizado pelo Centro Regional do Porto
da Universidade Católica Portuguesa

Vol. I

IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA

LISBOA

2004

COMISSÃO CIENTÍFICA

Prof. Doutor ARNALDO DE PINHO
Universidade Católica Portuguesa — Porto
Prof. Doutor ÂNGELO ALVES
Universidade Católica Portuguesa — Porto
Prof. Dr. ANTÓNIO BRAZ TEIXEIRA
Universidade Autónoma de Lisboa
Prof. Doutor JOSÉ GONÇALVES GAMA
Universidade Católica Portuguesa — Braga
Prof. Doutor NORBERTO CUNHA
Universidade do Minho

ENTIDADE ORGANIZADORA DO CONGRESSO

Centro Regional do Porto da Universidade Católica Portuguesa, através
do Centro de Estudos do Pensamento Português.

SECRETÁRIO-GERAL DO COLÓQUIO

Dr. AFONSO ROCHA

Apoio do Programa Operacional Ciência, Tecnologia, Inovação do
Quadro Comunitário de Apoio III.

I

SESSÃO DE ABERTURA

Ao longo de apenas vinte e cinco anos de existência, o Centro Regional do Porto da Universidade Católica Portuguesa tem procurado formar Homens e Mulheres que com as suas diferentes licenciaturas sirvam o País nas respectivas profissões com o pensamento impregnado dos valores fundamentais do humanismo cristão. Mas acima de tudo, formar homens e mulheres livres, já que intramuros da universidade procuramos privilegiar o encontro dos homens e das suas ideias. E é desta amálgama dos confrontos das ideias e das culturas diferentes que se enriquece o espírito verdadeiramente universitário. Nesse sentido, uma vez mais, não posso deixar de cumprimentar e agradecer a organização de mais este Colóquio sobre este grande pensador português que foi António Sérgio, exemplo bem marcante do que acabei de expressar. Homem livre, pensador honesto e cidadão do mundo, que buscou e lutou sempre por uma sociedade mais justa.

Com os votos de bom trabalho e boas conclusões, renovo os agradecimentos do Centro Regional do Porto da Universidade Católica a todos aqueles que tornaram este Colóquio possível.

FRANCISCO CARVALHO GUERRA

*Presidente do Centro Regional do Porto
da Universidade Católica Portuguesa*

II
CONFERÊNCIAS

ANTÓNIO SÉRGIO, FILÓSOFO

ANTÓNIO BRAZ TEIXEIRA

Universidade Autónoma de Lisboa

Um dos mais perturbantes paradoxos da nossa cultura contemporânea é, decerto, a enorme desproporção que nela se regista entre o elevado prestígio intelectual de que gozou e goza ainda António Sérgio como pensador e escritor de ideias e a escassa atenção que suscitou e continua a suscitar a interpretação do seu pensamento filosófico.

Apesar das páginas de lúcida compreensão hermenêutica que, ao longo das últimas seis décadas, lhe dedicaram alguns ensaístas e investigadores de inegável mérito — Sílvio Lima, José Marinho, Vasco de Magalhães Vilhena, Eduardo Lourenço, António José de Brito, Manuel Ferreira Patrício, Mário Sottomayor Cardia, Miguel Baptista Pereira, Eduardo A. Soveral, António Pedro Mesquita ou Pedro Calafate —, a obra especulativa do celebrado autor das *Cartas de Problemática* continua a não dispor de um estudo interpretativo de conjunto, que permita surpreender e pôr em relevo a unidade que possa subjazer-lhe e compreender o pensamento filosófico que a suporta e fundamenta, encontrando-se o conhecimento e a avaliação da reflexão e da actividade cultural sergiana num estágio incomparavelmente mais atrasado do que o de outras figuras especulativas de primeiro plano da sua geração, como Leonardo Coimbra, Teixeira de Pascoaes, Raul Proença, Fidelino de Figueiredo ou Abel Salazar.

Se bem que não seja este o momento azado para procurar entender as razões desta situação, penso não dever deixar de

assinalá-la no início desta necessariamente sintética tentativa de definição das linhas de força do pensamento sergiano e de identificação das posições filosóficas que a individualizam no quadro da especulação portuguesa da primeira metade da centúria finda.

A nossa investigação deve, naturalmente, iniciar-se indagando como entendia Sérgio a natureza e os objectivos da actividade filosófica, tema a que repetidas vezes alude ao longo da sua vasta obra.

Começando por afirmar que «filosofar é formar com o universo uma sociedade consciente», o pensador esclarecia o que pudesse haver de aparentemente místico nesta definição, aditando que «filosofia, vida social, pedagogia, são três aspectos de uma mesma coisa, a qual se fundamenta na lei da unidade da consciência a que damos o nome de Razão»¹.

Anos mais tarde, reforçará este esclarecimento, notando que a filosofia «é um esforço de superação do enleio que causam na inteligência as contradições do múltiplo, as incompatibilidades das normas, é o tentame de nos libertarmos da incoerência íntima, criando em nós mesmos um substituto válido para um ensino teológico em que não cremos já». E prosseguia, no mesmo tom que escondia mal o muito que a sua definição tinha de confessional ou autobiográfico: «O filósofo é o que perdeu a fé na tradição, no costume, na lei, nos avós, nos seus mitos e que intenta substituí-los por uma pedagogia nova», sendo seu papel o reagir contra «a ingénua superstição do povo», contra «a imaginação materializadora», contra a «tonta e cega razão colectiva»², pois, «em não pequena parte», a filosofia é «a luta do bom senso contra o senso comum»³.

Procurando definir melhor e de forma positiva e não já reactiva a natureza da actividade filosófica, Sérgio advertia que a filosofia, bem longe de se apresentar como um corpo de dogmas, que se acolhe, aceita ou perfilha, constitui uma actividade espiritual essencialmente antidogmática, cujo objecto é a dilucidação das ideias fundamentais, a reflexão sobre as operações que o espírito realiza nos mais diversos campos da

¹ *Ensaio*, vol. I (1920), 2.^a ed., Coimbra, 1949, pp. 162-163.

² Ob. cit., vol. VI, Lisboa, 1946, pp. 43-44.

³ Prefácio à trad. port. de *Os Problemas da Filosofia*, de Bertrand Russell, Coimbra, 1939.

cultura, com particular destaque para o domínio científico⁴. Assim, para o ensaísta, «o labor filosófico, antes de constar de uma discussão de teses, de investigação de problemas, de apresentação de doutrinas, é uma atitude e uma disciplina do espírito, uma disciplina crítica, uma acese»⁵.

Daqui concluir o pensador que a filosofia vem a consistir na reflexão — entendida esta como pensamento sobre o próprio pensamento — sobre a actividade espiritual do homem quando cria ciência, sobre o dinamismo da acção moral, a atitude mística, a criação artística, o procedimento jurídico, «sobre todas as atitudes universalistas do intelecto», o mesmo é dizer «a busca crítica dos princípios implícitos na acção científica e na acção moral», vindo, portanto, a filosofia a consistir, essencialmente, em *epistemologia* e *ética*⁶, unidas ambas, na reflexão sergiana, pela ideia de *dever ser*, que, no seu pensamento, se não circunscrevia ao domínio da razão prática.

Procurando estabelecer a sua própria genealogia intelectual, o autor dos *Ensaio*s filiava o seu pensamento na pessoal leitura que fazia de Platão, Espinosa e Kant, aos quais entendo dever aditar-se o nome de Antero, bem como o neokantismo do último quartel do século XIX, como foi já notado por alguns dos seus intérpretes⁷.

Na visão que da sua própria reflexão Sérgio tinha, coincidiria ela com o pensamento platónico no conceito de dialéctica, na ideia da correlatividade dos contrários e numa concepção da lógica inspirada na relação matemática, enquanto convergia com Espinosa no conceber sempre os objectos integrados na unidade do todo, no tomar a coerência intrínseca como critério de verdade e na ideia de imanência epistemológica e metafísica, e partilhava com o filósofo das *Críticas* o

⁴ *Ensaio*s, vol. II (1929), 2.^a ed., Lisboa, 1957, pp. 291 e 299, e vol. VII, Lisboa, 1954, p. 231.

⁵ *Cartesianismo Ideal e Cartesianismo Real* (1937), 2.^a ed., Lisboa, s. d. (1959?), p. 14.

⁶ *Cartas de Problemática*, Lisboa, 1952-1955, carta n.º 4, p. 1, carta n.º 5, p. 6, e carta n.º 12, p. 7.

⁷ Cf. L. Cabral de Moncada, «Para a história da filosofia em Portugal no século XX», no *Bol. Fac. Dir. de Coimbra*, vol. XXXVI, 1960; Eduardo Lourenço, «António Sérgio como mito cultural», em *O Tempo e o Modo*, n.ºs 69-70, 1969; e Manuel Ferreira Patrício, «A lógica de António Sérgio», na *Revista Portuguesa de Filosofia*, tomo XLIV, fasc. 3-4, 1987.

radical antiempirismo, a hipótese da iniciativa fundamental da inteligência no conhecimento e a concepção de que o objecto da ciência é criado no conhecimento e pelo conhecimento, apresentando-se, por isso, a inteligência ou o intelecto como constitutivo do objecto ⁸.

Antes de considerar o racionalismo idealista e espiritualista de António Sérgio tal como se configurou na sua obra de maturidade, cumpre advertir que, contrariamente ao que, repetidas vezes, o pensador afirmou, sustentando não haver qualquer evolução ou alteração no seu percurso intelectual, iniciado, em 1909, com as juvenis *Notas sobre os «Sonetos»* e as *«Tendências Gerais da Filosofia»* de Antero de Quental, é hoje inquestionável, principalmente depois das investigações de Mário Sottomayor Cardia ⁹ e António Pedro Mesquita ¹⁰, ter ocorrido uma significativa mutação do pensamento ali expresso para o que o filósofo, a partir dos anos 20, irá explicitar nos sucessivos volumes de *Ensaio*s e noutros textos deles contemporâneos.

Assim, nas referidas *Notas* sobre Antero e no ensaio *Da Natureza da Afecção*, publicado quatro anos mais tarde, a reflexão do jovem pensador apoia-se ainda num conceito dominante ou exclusivamente psicológico da consciência, da qual só mais tarde passará a ter uma noção transcendental, que lhe irá permitir situá-la no plano gnosiológico e epistemológico.

De igual modo, neste primeiro estágio da sua evolução intelectual, o mundo apresentava-se a Sérgio como «um conjunto de estados de consciência objectivados», do mesmo passo que a função da ciência se lhe afigurava ser a de «classificar os factos, estabelecer um sistema de relações entre os fenómenos», observando, no entanto, o pensador que os estados da consciência só eram explicáveis nas suas respectivas relações, pois, em si, eram inexplicáveis, pelo que o sujeito real seria incognoscível, por não poder ser totalmente representado.

Mas se as coisas se passavam assim no que ao sujeito se referia, também do lado do objecto outro incognoscível se nos

⁸ «Genealogia intelectual», na *Seara Nova*, ano XVIII, n.º 580, 1938.

⁹ «O pensamento filosófico do jovem Sérgio», em *Cultura-História e Filosofia*, vol. I, Lisboa, 1982.

¹⁰ «O mundo de António Sérgio», na *Revista Portuguesa de Filosofia*, vol. XLVI, fasc. 4, 1990, e «Aspectos do ideário sergiano em ontologia», em António Sérgio, *Notas sobre Antero, Cartas de Problemática e Outros Textos Filosóficos*, Lisboa, 2001.

deparava, dado que, consistindo a explicação científica na redução dos fenómenos uns aos outros, através do que, conceitualmente, se revela como idêntico, há elementos entre os quais não há nem pode haver passagem ou mediação, o que revelaria a existência de um limite à integral cognoscibilidade, limite esse que tornaria impossível qualquer tentativa de compreensão unitária da realidade objectiva ¹¹.

O reconhecimento desta dupla incognoscibilidade, que afectava tanto o sujeito como o objecto, não impedia, contudo, o jovem Sérgio de pensar que «a única realidade imediata e absolutamente certa é a realidade da consciência», que identificava com o pensamento, o qual constituía algo de permanente que unificava todos os estados de consciência, nem de, numa atitude reflexiva ainda de recorte panteísta, romântico e vitalista, afirmar que «o ser humano tem raízes, numa camada obscura pela qual comunica com o universo» e que nele palpita um mundo muito maior do que imagina, que nele há pulsões para si inconscientes, mas porventura conscientes para elas próprias, pois, como então escrevia, «a realidade não tem somente uma face impenetrável, mas ainda uma face enorme insuspeitada e noctívaga» ¹².

Cumprir notar, todavia, que, no pensamento gnosiológico do autor das *Notas* sobre Antero aparecem já três tópicos a que o filósofo da maturidade irá permanecer fiel e cujos desenvolvimento e aprofundamento serão até o principal objecto da sua posterior actividade reflexiva, vindo a definir o cerne do seu idealismo intelectualista.

O primeiro desses tópicos corresponde à convicção de que, no conhecimento científico, as relações se estabelecem, não entre o que as coisas são em si, mas entre as nossas representações mentais delas, entre os factos da consciência que se lhes referem, sendo as coisas apreendidas apenas como funções umas das outras, pelo que, de cada vez, só é considerada ou tida em conta uma parte das propriedades conhecidas de cada objecto, razão pela qual todo o conhecimento ou todo o saber é sempre parcial e simbólico em relação ao todo ¹³.

¹¹ *Notas sobre os «Sonetos» e as «Tendências Gerais da Filosofia» de Antero de Quental*, Lisboa, 1909, pp. 47 e 60-64.

¹² Ob. cit., pp. 133 e 186-187.

¹³ Ob. cit., pp. 60-61.

Por seu turno, o segundo desses tópicos refere-se à sensação, que, nesta primeira fase do seu percurso intelectual, Sérgio pensa que, como representação dos objectos, é mera aparência, que, no entanto, em si, constitui uma indesmentível realidade, que nenhuma outra pode traduzir ou exprimir ¹⁴.

Por último, o terceiro tópico diz respeito à convicção expressa pelo então jovem pensador de que o conhecimento resulta de uma adaptação do ser ao meio, mas em que o indivíduo é essencialmente activo, «tomando a iniciativa da pergunta e a iniciativa da resposta» ¹⁵, afirmação que, na fase da maturidade, libertará da carga visivelmente biologista desta sua primeira formulação, para lhe conferir uma dimensão exclusivamente gnosiológica, passando a atribuir ao espírito a iniciativa cognitiva que aqui, num sentido de inegável sinal vitalista e pragmático, próprio da época, fazia caber ao indivíduo. Note-se, porém, que, na sua preocupação de afirmar uma artificial e linear continuidade no desenvolvimento do seu pensamento filosófico, Sérgio repetidas vezes citará aquela passagem do seu primeiro livro, atribuindo-lhe, de um modo claramente forçado, que o texto das *Notas* frontalmente contraria, o sentido exclusivamente gnosiológico que, depois, veio a ter na sua obra especulativa.

Tal como o interpreto, duas me parecem ser as ideias fundamentais de que parte e em que assenta o pensamento sergiano: por um lado, a da correlatividade do sujeito e do objecto, do eu e do não-eu, que não podem ser um sem o outro e só em função um do outro têm existência e sentido e o paralelo reconhecimento da existência de uma realidade física, ou Físis, independente da psique ou da consciência; por outro, o postulado da inteligibilidade do mundo, que precede todo o conhecimento e toda a ciência, e tem a sua sede na estrutura legalista da consciência e no princípio da «unidade legal do múltiplo» que dela directamente decorre e que, a um tempo, funda o «dever-ser moral» e o «dever-ser inteligível».

Quanto à primeira, dois aspectos importantes cabe destacar aqui, referentes, respectivamente, ao conceito sergiano de

¹⁴ Ob. cit., pp. 63-64.

¹⁵ *Idem*, p. 185.

ÍNDICE DO VOL. I

I

SESSÃO DE ABERTURA

Discurso do Presidente do Centro Regional do Porto da Universidade Católica Portuguesa, Prof. Doutor Francisco Carvalho Guerra	11
--	----

II

CONFERÊNCIAS

António Sérgio, filósofo, <i>ANTÓNIO BRAZ TEIXEIRA</i>	15
O pensamento pedagógico de António Sérgio, <i>MANUEL FERREIRA PATRÍCIO</i>	31
História e método em António Sérgio, <i>NORBERTO FERREIRA DA CUNHA</i>	55
António Sérgio, político. A ideia de democracia, <i>JOSÉ ESTEVES PEREIRA</i>	87
António Sérgio, economista?, <i>ANTÓNIO ALMODÓVAR</i>	103

III

COMUNICAÇÕES

I — CONTEXTO CULTURAL

António Sérgio e Leonardo Coimbra. Encontros e desencontros, <i>ÂNGELO ALVES</i>	131
António Sérgio e Teixeira de Pascoaes ou o conflito cultural português, <i>ANTÓNIO CÂNDIDO FRANCO</i>	139

Sérgio e Pascoaes: modernidade <i>versus</i> passadismo ou modernidade <i>versus</i> pós-modernidade?, <i>JORGE COUTINHO</i>	163
António Sérgio e Raul Proença: tão próximos e tão distantes, <i>ANTÓNIO REIS</i>	177
António Sérgio e Antero de Quental, <i>MANUEL CÂNDIDO PIMENTEL</i>	193
Antero de Quental entre António Sérgio e José Marinho, <i>RUI LOPO</i>	207

II — FILOSOFIA

António Sérgio, ou uma filosofia apesar do filósofo, <i>J. OLIVEIRA BRANCO</i>	225
António Sérgio: tópicos de um pensamento actual, <i>LUÍS DE ARAÚJO</i>	243
António Sérgio e o idealismo, <i>ANTÓNIO JOSÉ DE BRITO</i>	251
António Sérgio ou o mentalismo relacional, <i>MÁRIO SOTTOMAYOR CARDIA</i>	261
A sergiana <i>razão</i> de não ter razão ou a <i>inteligência</i> esquecida, <i>CARLOS HENRIQUE DO CARMO SILVA</i>	287
O platonismo de António Sérgio, <i>ANTÓNIO PEDRO MESQUITA</i>	327
António Sérgio: «um excitador de intelectos»? , <i>MARIA DE LOURDES SIRGADO GANHO</i>	341
António Sérgio, Antero e o budismo. Em torno do «desprendimento activo»: «um problema anteriano» ou um problema sergiano?, <i>PAULO A. E. BORGES</i>	347
O discurso cristão de António Sérgio. Uma proposta para a reidentificação da Europa, <i>A. DO CARMO REIS</i>	367
António Sérgio: a doutrina ética dos <i>Ensaio</i> s: uma ética para uma modernidade inactual, <i>JORGE TEIXEIRA DA CUNHA</i>	379
As ideias estéticas de António Sérgio, <i>LEONEL RIBEIRO DOS SANTOS</i>	391
O problema filosófico da cultura em António Sérgio, <i>JOSÉ GAMA</i>	423
Formas de cultura e de modernidade em António Sérgio, <i>ANDRÉ VERÍSSIMO</i>	439

ÍNDICE DO VOL. II

III COMUNICAÇÕES

III — PEDAGOGIA

Uma pedagogia da encarnação: sobre alguns textos «teológicos» de António Sérgio, <i>ARNALDO DE PINHO</i>	11
Actualidade do pensamento pedagógico de António Sérgio, <i>CRISTIANA DE SOVERAL E PASZKIEWICZ</i>	19
Conceito e fins da educação em Sérgio, <i>IVONE MOREIRA</i>	27
A relação entre a educação e a filosofia no tomo I dos <i>Ensaio</i> s, <i>MARIA MANUELA BRITO MARTINS</i>	41

IV — POLÍTICA

Do jurídico e do político nos <i>Diálogos de Doutrina Democrática</i> de António Sérgio, <i>PAULO FERREIRA DA CUNHA</i>	61
Democracia e «ascensão em humanidade» em António Sérgio, <i>MANUEL RODRIGUES LINDA</i>	89
Evangelismo e espírito cooperativo no pensamento de António Sérgio, <i>MANUEL GAMA</i>	105
A propósito do terceiro homem e da terceira via, <i>JOSÉ MANUEL MOREIRA</i>	117
António Sérgio: cisão e decisão. As revistas <i>Pela Grei</i> (1918-1919) e <i>Homens Livres</i> (1923), <i>J. PINHARANDA GOMES</i>	147
António Sérgio e os socialistas: o discurso de 1947, <i>HENRIQUE BARRILARO RUAS</i>	191

V — HISTÓRIA

António Sérgio na cultura histórica portuguesa, <i>SÉRGIO CAMPOS MATOS</i>	199
--	-----

VI — LITERATURA

A intervenção poética de António Sérgio, <i>JOSÉ CARLOS SEABRA PEREIRA</i>	229
Um olhar sobre a literatura infantil de António Sérgio, <i>LUÍSA DUCLA SOARES</i>	249
A crítica literária de Sérgio: a demanda do verbo e do espírito, <i>MARIA DAS GRAÇAS MOREIRA DE SÁ</i>	263
Literatura e «enredo de ideias», <i>FERNANDO GUIMARÃES</i>	275
Em torno de uma ideia feita: o «Reino Cadaveroso», <i>ARTUR ANSELMO</i>	285
António Sérgio epistológrafo, <i>ANTÓNIO VENTURA</i>	295
Quadro configurativo da recepção da obra de António Sérgio: 1969-2001, <i>CARLOS LEONE</i> e <i>MIGUEL REALE</i>	313

IV

SESSÃO DE ENCERRAMENTO

António Sérgio ou a razão polémica, <i>JOSÉ AUGUSTO SEABRA</i> ...	329
Palavras do representante da comissão científica do Colóquio, <i>ANTÓNIO BRAZ TEIXEIRA</i>	343
Palavras da Universidade Católica Portuguesa, <i>ARNALDO DE PINHO</i>	345

Colecção TEMAS PORTUGUESES

VIRGÍLIO E A CULTURA PORTUGUESA
ACTAS DO BIMILENÁRIO DA MORTE DE VIRGÍLIO

ARQUIVO E HISTORIOGRAFIA
COLÓQUIO SOBRE AS FONTES
DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA PORTUGUESA
*Coordenação de Maria José da Silva Leal
e Miriam Halpern Pereira*

INTRODUÇÃO AO PENSAMENTO FILOSÓFICO
DE A. MIRANDA BARBOSA

ACTAS DO CONGRESSO INTERNACIONAL
PENSADORES PORTUENSES CONTEMPORÂNEOS
(1850-1950)
3 vols.

GIL VICENTE 500 ANOS DEPOIS
ACTAS DO CONGRESSO INTERNACIONAL
*Organização de Maria João Brilhante, José Camões,
Helena Reis Silva e Cristina Almeida Ribeiro*
2 vols.

ALMEIDA GARRETT — UM ROMÂNTICO, UM MODERNO
ACTAS DO CONGRESSO INTERNACIONAL COMEMORATIVO
DO BICENTENÁRIO DO NASCIMENTO DO ESCRITOR
*Organização de Ofélia Paiva Monteiro
e Maria Helena Santana*
2 vols.

ANTÓNIO SÉRGIO: PENSAMENTO E ACÇÃO
ACTAS DO COLÓQUIO REALIZADO PELO CENTRO REGIONAL DO PORTO
DA UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
2 vols.

Acabou de imprimir-se
em Agosto de dois mil e quatro.

Edição n.º 1010391

www.incm.pt
E-mail: dco@incm.pt
E-mail Brasil: livraria.camoes@incm.com.br